

REGIÃO SUDESTE

Capítulo 22. A cultura do feijão em Minas Gerais²⁵

Dados históricos mostram que o estado de Minas Gerais sempre se destacou no que tange ao cultivo do feijão, não só em termos produtivos, mas também com relação à pesquisa e desenvolvimento. Estudos acerca desta cultura datam do início do século passado e persistem na atualidade, com criação de novas cultivares sem, no entanto, descuidar-se das variedades crioulas.

No ano de 1955, iniciou-se o programa de pesquisa de feijão da Universidade Federal de Viçosa (UFV), um dos mais antigos do Brasil. Nesta instituição, na década de 1930, houve alguns estudos esporádicos com esta cultura que resultaram na cultivar Mantuba, desenvolvida pelos professores O. A. Drummond, A. S. Muller e outros, por meio do cruzamento entre as cultivares Manteigão e Tubarão. A referida cultivar aparentemente não teve grande importância na agricultura, mas entrou para a história como a primeira cultivar de feijão criada por cruzamento no Brasil e uma das primeiras na América Latina. Mais tarde, entre as décadas de 40 e 70, o Instituto Agrônomo de Minas Gerais lançou as cultivares identificadas pelas iniciais BH, como o feijão preto BH 4935. No mesmo período, a Estação Experimental de Patos de Minas, do Ministério da Agricultura, lançou, entre outros, os cultivares Roxão EEP e Jalo EEP 558. Nessa época, mais precisamente entre os anos de 1955 e 1957, Minas Gerais liderava o cultivo de feijão em termos de área plantada, com 478 mil hectares. Contudo, vale ressaltar que, em se tratando de rendimento, o estado ficava muito aquém daquele alcançado pela grande maioria dos estados brasileiros (VIEIRA, 2004).

Na década de 70, houve uma considerável expansão do mercado consumidor. Entretanto, o cultivo tinha caráter de subsistência, não se verificando naquela época uma tendência efetiva do cultivo de feijão se tornar uma produção técnica e economicamente organizada. Apesar disso, no final dos anos 70 já se observavam avanços tecnológicos essenciais para o desenvolvimento da cultura no estado, tais como: a criação da plantadeira de feijão para o cultivo consorciado desenvolvida pela EMBRAPA-CNPMS; o secador de feijão em ramas, desenvolvido pela UFV; e a colheitadeira de feijão, desenvolvida pela iniciativa privada; além de maior apoio técnico e disponibilização de novas variedades e insumos (MOURA, 1982).

1. ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

Com o advento de novas tecnologias, houve um aumento contínuo da produtividade média de feijão no estado, a qual passou de pouco mais de 400 kg/ha em meados dos anos 70, quando a Conab iniciou os trabalhos de levantamento de safra de grãos, para mais de 1.500 kg/ha na safra 2016/17 (Gráfico 2). Este aumento ocorreu devido à ampliação de área de feijão de 3ª safra e à redução do cultivo na safra de verão e na segunda safra (Gráfico 1).

Nos últimos 40 anos, houve uma queda acentuada na área de feijão de 1ª e 2ª safra no estado, de 38% e 65%, respectivamente. Contudo, a área do feijão 3ª safra mais que triplicou desde o momento em que começou a ser contabilizada pela Conab, em 1985. Em números, isso significa que a área destinada ao plantio do feijão sofreu um recuo de mais de 250 mil hectares no decorrer desse período. Atualmente, a área cultivada com esta leguminosa é de 348,2 mil hectares, sendo 161 mil ha na 1ª safra, 116,8 mil ha na 2ª e 70,4 mil ha na 3ª safra.

No que pese a menor área de feijão de 3ª safra em relação à primeira e segunda safra, a produção desta é bastante significativa para o estado devido às altas produtividades alcan-

25 - Eliana Aparecida Silva: Engenheira Agrônoma. Superintendência Regional da Conab em Minas Gerais. Superintendência Regional da Conab no estado de Minas Gerais.

çadas. Na safra 2016/17, a área de feijão 3ª somou apenas 20% da área total. Contudo, ela foi responsável por 34% da produção do estado (Gráfico 4), situação que, no contexto estadual, possibilitou aumento da produção apesar da redução de área no decorrer das últimas quatro décadas.

A produtividade do feijão 3ª safra é notoriamente superior àquelas alcançadas nas duas primeiras safras devido ao maior nível tecnológico e menor risco de perdas, ao passo que o feijão das águas e o feijão da seca ocorrem em sistemas de produção diversificados e com menor uso de tecnologia. Outro fator que influencia negativamente na produtividade das duas primeiras safras é a perda por razões climáticas, seja por falta de chuva no decorrer do cultivo ou pelo excesso no momento da colheita.

Gráfico 1. Evolução da área de feijão 1ª, 2ª e 3ª safras - Minas Gerais

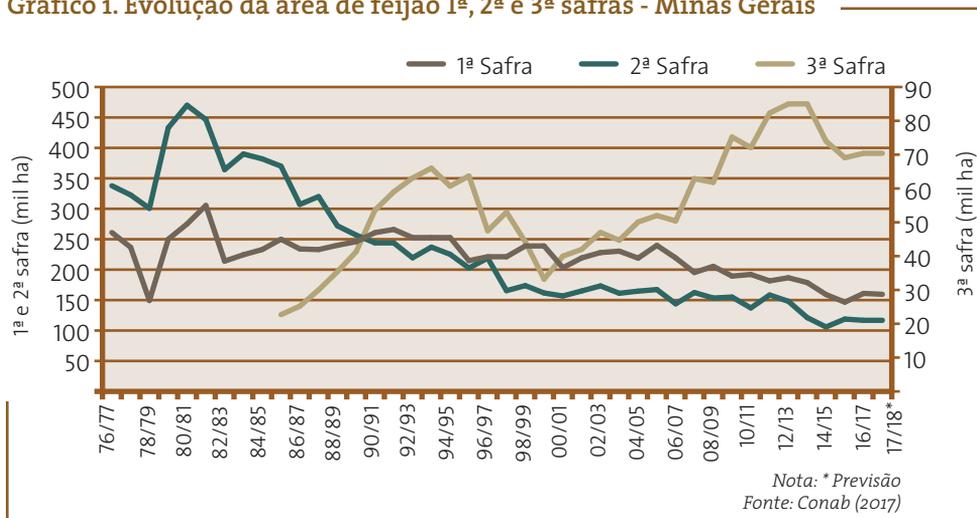


Gráfico 2. Evolução da produtividade de feijão na 1ª, 2ª e 3ª safras - Minas Gerais

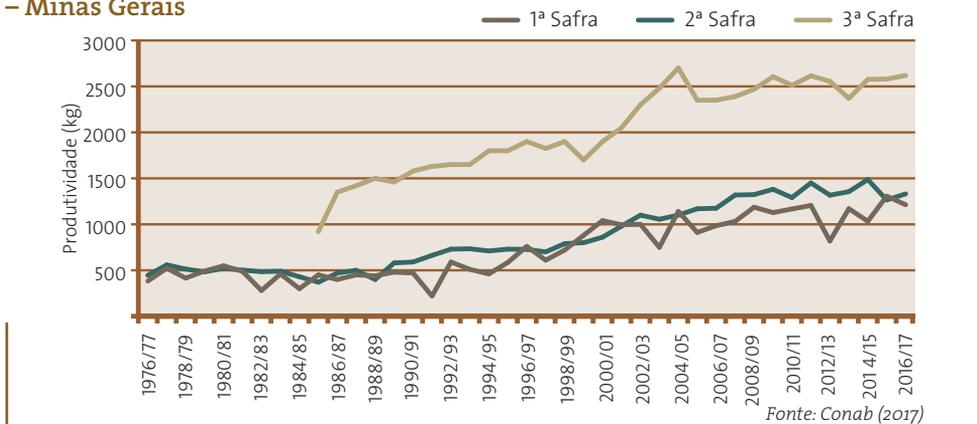
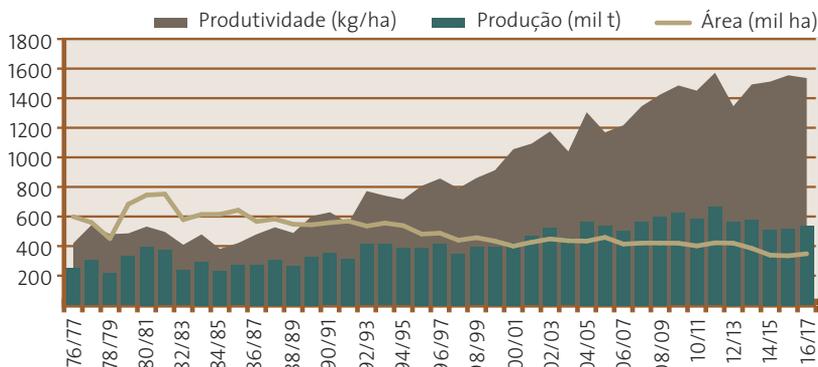
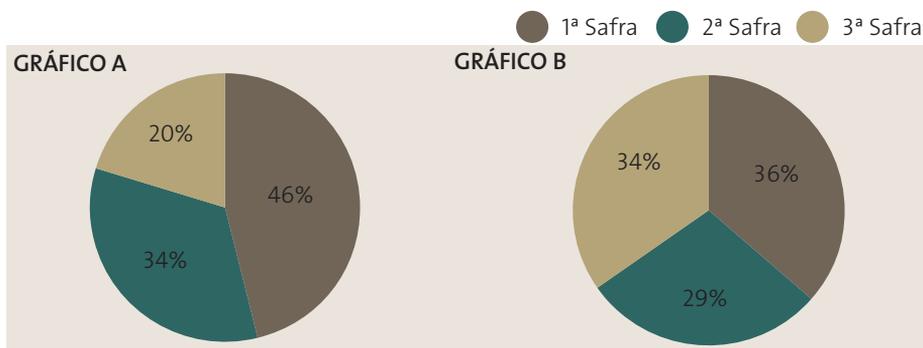


Gráfico 3. Evolução da área, produção e produtividade do feijão total em Minas Gerais



Fonte: Conab (2017)

Gráfico 4. Distribuição da área (A) e produção (B) de feijão nas três safras em Minas Gerais



Fonte: Conab (2017)

2. CALENDÁRIO AGRÍCOLA

O tradicionalismo do cultivo do feijão em Minas Gerais deve-se não só às questões culturais, mas também à boa adaptação ao clima do estado, de modo que esta leguminosa é cultivada praticamente o ano inteiro, salvo períodos resguardados por medidas fitossanitárias, especialmente na região noroeste de Minas. Segundo Júnior 2007, há, pelo menos, quatro épocas distintas de semeadura da leguminosa em função das condições climáticas (Quadro 1). Ressalta-se, entretanto, que as três primeiras são mais comuns e a quarta acontece em situações excepcionais, motivadas por alto preço e demanda.

Quadro 1. Calendário agrícola de feijão em Minas Gerais – Safra 2016/17

Mesorregiões	Mês											
	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago
Primavera verão (Feijão das águas)		P	P		C	C						
Verão-outono (Feijão da seca)						P	P		C	C		
Outono-inverno (Terceira época)	C	C						P	P	P	C	C
Inverno-primavera julho agosto			C	C							P	P

Legenda: P: Plantio, C: Colheita.
Fonte: Epamig

3. PERFIL DOS PRODUTORES E SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Em função da facilidade de cultivo, aceitabilidade e adaptação ao clima, o feijão é produzido em praticamente todos os municípios do estado e com diversos níveis de tecnologia. Encontram-se em Minas Gerais grandes empresários rurais que cultivam a leguminosa em extensas áreas, utilizando tecnologia de ponta com uso de irrigação, plantio direto e agricultura de precisão. Nessas áreas a cadeia produtiva é relativamente bem organizada, permitindo a produção de grãos de excelente qualidade e alcançando altas produtividades, as quais muitas vezes excedem a 3 mil kg/ha, conforme observado em campo durante os levantamentos de safra, especialmente na região noroeste de Minas.

Nas regiões sul, centro-oeste e central, é mais comum o cultivo em sistema de manejo intermediário, especialmente na safra de verão e na de inverno, como opção para rotação de culturas, bem como o cultivo consorciado, típico da agricultura familiar e de áreas onde existe outra cultura principal, como é o caso do café no sul do estado, região na qual é comum os cafeicultores aproveitarem o espaço nas entrelinhas do café (*Coffea arabica*) para cultivar a leguminosa (Figura 1-2). Cultiva-se ainda o feijão em consórcio com o milho, mandioca e cana-de-açúcar (VIEIRA, 1989; FERREIRA et al, 2005).

Observa-se também agricultores tipicamente de subsistência, com praticamente nenhum emprego de tecnologia, seja por desmotivação devido ao clima ou por falta de condições financeiras para investir nas lavouras. Geralmente são agricultores que estão à mercê do clima, portanto, sempre com riscos de perda, situação comum no norte de Minas, Vale do Jequitinhonha e Mucuri. Nestas regiões não são raros os relatos de perdas de até 100% da área cultivada. Por fim, existem os plantios em quintais, inclusive no perímetro urbano. Diz-se em Minas que “onde tem quintal, cultiva-se feijão”.

Figura 1-2. Cultivo de feijão em consórcio com café – sul de Minas



Fotos: Pedro Pinheiro Soares

Figura 3. Lavoura de feijão em Piedade do Rio Grande – MG 2017



Fotos: Pedro Pinheiro Soares

Figura 4. Lavoura de feijão em Tapira – MG
2017



Foto: Márcio Carlos Magno

Figura 5. Lavoura de feijão em sistema de
plantio direto Alto Paranaíba – MG 2017



Foto: Márcio Carlos Magno

Figura 6. Cultivo de feijão em consórcio com milho - Matozinhos - MG



Foto: Eliana Aparecida Silva

4. TIPOS DE FEIJÃO CULTIVADOS EM MINAS GERAIS

Além de ser um dos maiores produtores de feijão do país, Minas Gerais detém grande variedade desta leguminosa. Encontram-se no estado inúmeras cultivares, tanto do feijão comum, *Phaseolus vulgaris* (L.), como do feijão caupi, *Vigna unguiculata* (L.).

No grupo do feijão comum, predomina a classe cores, sendo representada majoritariamente pelo grupo comercial carioca. De modo geral, as variedades desse grupo possuem ampla adaptação aos sistemas de plantio e boa produtividade, sendo cultivadas em praticamente todos os municípios do estado e com níveis tecnológicos diversos, desde altamente tecnificados até na ausência de tecnologia, em áreas que variam de metros (cultivo de fundo de quintal) a centenas de hectares (cultivo empresarial).

Algumas das cultivares deste grupo recomendadas para o estado são: Pérola, BRSMG Talismã, BRS Pontal, BRS Requite, BRSMG Majestoso e BRSMG Madrepérola entre outras (PAULA JÚNIOR et al., 2010). Na safra 2016/17, a produtividade média estimada para este grupo no estado foi de 1.301 kg/ha na 1ª safra, 1.354 kg/ha na 2ª safra e 2.623 kg/ha na 3ª safra. Esta última sempre apresenta melhores resultados devido ao uso de irrigação e maiores investimentos em manejo.

Figura 7. Feijão exposto no mercado para
venda a granel – Ervália – MG



Foto: Hélio Maurício Gonçalves de Rezende

Na classe cores encontram-se ainda: grupo vermelho, com a variedade ouro vermelho; grupo manteigão, com as variedades BRS radiante, carnaval, jalo e BRSMG união; grupo branco (variedade ouro branco); grupo comercial roxinho (variedade Timbó); e grupo rosinha, com a variedade BRS vereda. As variedades destes grupos são cultivadas, tradicionalmente, na região da Zona da Mata, por pequenos agricultores que plantam para subsistência e comercializam o excedente, geralmente, no comércio local (Figura 7).

O feijão comum preto é cultivado predominantemente nas regiões Central, Rio Doce, Sul e Zona da Mata. Esta classe ocupa atualmente em torno de 13,5 mil hectares e representa 3,9% da produção estadual. Geralmente o feijão preto é produzido na 1ª e 2ª safra, enquanto o cultivo na 3ª safra é irrisório. A produtividade alcançada geralmente é inferior à da classe cores. Na safra 2016/17, produziu-se em média 886 kg/ha. Contudo, existem áreas cultivadas com alta tecnologia, especialmente nos municípios São João Del Rei e Madre de Deus, onde a produtividade chega a 1.800 kg/ha.

4.1. FEIJÃO CAUPI *VIGNA UNGUICULATA* (L.).

O feijão caupi é cultivado majoritariamente na região norte do estado, onde constitui um dos principais componentes da dieta alimentar, além de ser um importante gerador de emprego e renda para os agricultores. A área cultivada com esta variedade foi de 14,2 mil hectares, com produtividade média de 522 kg/ha na safra 2016/17. Apesar de ocupar 4% da área total do estado, o feijão caupi contribui apenas com 1% da produção em função da baixa produtividade, que é reflexo dos sistemas de produção adotados. Na maioria das vezes, não são realizadas práticas culturais recomendadas e ainda se tem boa parte da área perdida devido à seca recorrente na região. Na safra 2016/17, foi registrada perda de 30% da área cultivada com esta leguminosa, resultando em prejuízos e gerando desmotivação aos produtores. Em um contexto diferente, a região noroeste de Minas vem se destacando com o cultivo de feijão caupi, especialmente no município de Unai, onde cultivam-se extensas áreas, cuja produção é previamente comercializada para o Nordeste do país.

5. USO DE SEMENTES EM MINAS GERAIS

Apesar de o estado de Minas Gerais ter sido um dos pioneiros no Brasil no melhoramento do feijão e possuir um dos maiores grupos de melhoristas com dedicação à obtenção de novas cultivares, o uso de sementes certificadas de feijão no estado ainda é muito incipiente. Segundo a Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem), a taxa de utilização de sementes certificadas em Minas Gerais tem oscilado entre 12% e 18% nos últimos sete anos.

É notório que há um consenso quanto ao valor da semente certificada, com relação à capacidade germinativa, ao vigor, ao potencial genético e à pureza física e varietal. Entretanto, o conhecimento do papel da semente como veículo de disseminação de patógenos é ainda limitado, de forma que o uso de sementes de má qualidade tem sido a principal causa de problemas fitossanitários na cultura, com casos de inviabilização do cultivo em determinadas áreas (EPAMIG, 2011). Espera-se que este cenário mude quando a produtividade obtida pelos produtores de feijão estiver próxima do potencial de rendimento das cultivares comerciais, assim os benefícios provenientes do uso de sementes certificadas será factível e notável (PARRILLA et al. 2010).

6. PRAGAS E DOENÇAS DO FEIJÃO EM MINAS GERAIS

As alterações na dinâmica da produção de feijão em Minas Gerais, o crescimento da área irrigada e a intensificação do cultivo culminaram no aumento de doenças que acometem a cultura, especialmente na 3ª safra. De modo geral, o cultivo de inverno ocorre em sistemas

irrigados, o que propicia o desenvolvimento de doenças devido à formação de um microclima ideal para uma gama de patógenos.

Até o ano de 1985, as doenças de maior relevância em Minas Gerais eram a antracnose (*Colletotrichum lindemuthianum*), a ferrugem (*Uromyces appendiculatus*), a mancha-angular (*Phaeoisariopsis griseola*) e o mosaico dourado (vírus do mosaico dourado do feijoeiro) (SARATORATO 1985; FARIA, 1985). Atualmente, apesar da presença dos demais patógenos, as doenças mais relatadas em Minas Gerais nos levantamentos de safras realizados pela Conab são o mofo branco (*S. sclerotiorum*) e o mosaico dourado (BGMV), causando grandes preocupações para os produtores e extensionistas mineiros.

O mofo branco foi constatado pela primeira vez no Brasil no município de São Gotardo-MG, em cultivos irrigados de feijoeiro (NASSER; ANJOS, 1985). A partir de então, o patógeno tem sido introduzido em novas áreas de plantio, principalmente por meio de sementes infestadas ou contaminadas. Uma vez introduzido, o fungo é muito difícil de ser erradicado, podendo ser mantido sob certo controle com o uso de fungicidas, em geral onerosos (PAULA JUNIOR, 2004). Em Minas Gerais, observa-se maior ocorrência da doença na região do noroeste, onde se concentra a maior produção de feijão irrigado do estado.

O mosaico dourado constitui a principal virose que afeta o feijoeiro comum. Transmitido pela mosca branca, os relatos mais frequentes desta doença ocorrem na região do cerrado mineiro, principalmente na região noroeste, onde há cultivo de soja e algodão, visto que estas culturas são hospedeiras da mosca branca (*Bemisia tabaci Genn.*), inseto-vetor do BGMV (PAULA JUNIOR, 2004).

Sem ignorar a importância das demais pragas, a mosca branca é, sem dúvida, um grande motivo de preocupação, visto que durante os levantamentos de safra da Conab em Minas Gerais constata-se, ano a ano, que a presença deste inseto vem causando redução de produtividade e aumento do custo de produção.

Considerando que a manutenção de áreas com cultivos permanentes e contínuos do feijão mantém viva a mosca branca (*Bemisia tabaci Genn*), facilitando a disseminação de doença, especialmente do mosaico dourado, a qual pode ocasionar prejuízo à economia do estado, o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) estabeleceu, por meio da Portaria nº 1.537, de 1 de setembro de 2015, o vazio sanitário de 30 dias, no período de 20 de setembro a 20 de outubro de cada ano, para a cultura do feijão (*Phaseolus vulgaris*), em propriedades rurais localizadas acima de 700 metros de altitude, em 18 municípios localizados na região noroeste do estado (IMA, 2015).

7. DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE FEIJÃO EM MINAS GERAIS

Em decorrência do clima, topografia, cultura regional, influência de estados limítrofes, dentre outros fatores, o estado possui vários cenários bastante definidos para a feijocultura. A região norte de Minas destaca-se pelo cultivo do feijão caupi, a região noroeste pelo uso de alta tecnologia, as regiões central e sul pelo cultivo do feijão preto e a Zona da Mata por ser detentora de grande diversidade desta leguminosa.

No norte do estado, cultiva-se majoritariamente o feijão caupi, não só para subsistência, mas também para comercialização. De modo geral, esta é a região mais castigada pela seca, sendo comum os registros de perdas de grande parte das áreas cultivadas em algumas localidades. Visto que a área informada para cada município é resultante da soma de inúmeras propriedades, tem-se que muitas famílias frequentemente perdem todo o plantio.

A região da Zona da Mata se destaca por ser detentora da maior diversidade de feijão do estado. Nesta região, a área total destinada ao cultivo do feijão na safra 2016/17 foi superior a 28 mil hectares. Entretanto, a produtividade permanece relativamente baixa devido ao uso restrito de tecnologia, seja por causa do relevo acidentado ou pelo menor rendimento alcançado pelas inúmeras variedades cultivadas, as quais geralmente são menos produtivas se comparadas àquelas do grupo comercial carioca. Na região da Zona da Mata, assim como no

Rio Doce, Vale do Jequitinhonha e Mucuri, o feijão é plantado, majoritariamente, por pequenos agricultores com uso de baixa tecnologia.

O noroeste do estado se destaca como o maior produtor de feijão em nível estadual. Na safra de 2016/17, esta região foi responsável por 37% do total de feijão produzido na 1ª safra e praticamente 70% na 3ª safra. Somadas as três épocas de plantio, o noroeste respondeu por quase 40% da produção estadual (gráficos 5 e 6). Nesta região, a maior parte do feijão pertence ao grupo comercial carioca, que é cultivado com alta tecnologia, permitindo o alcance de altas produtividades, apesar de infestações constantes de mosca branca, registradas ano após ano.

A região do sul de Minas, que no final da década de 70 e início dos anos 80 se destacava como maior produtora, atualmente ocupa o segundo lugar na produção de feijão total do estado, tendo ocupado a posição de maior produtora de feijão de 2ª safra nos últimos anos.

Gráfico 5. Distribuição regional da área de feijão nas três safras

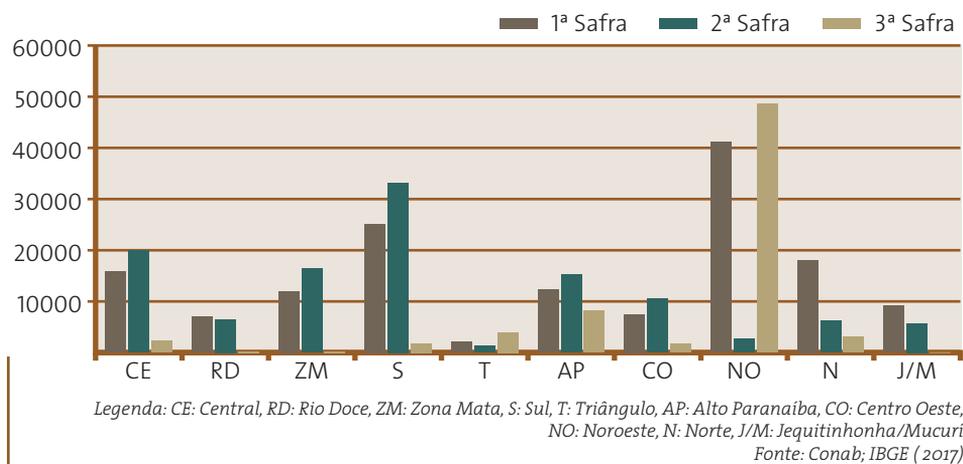
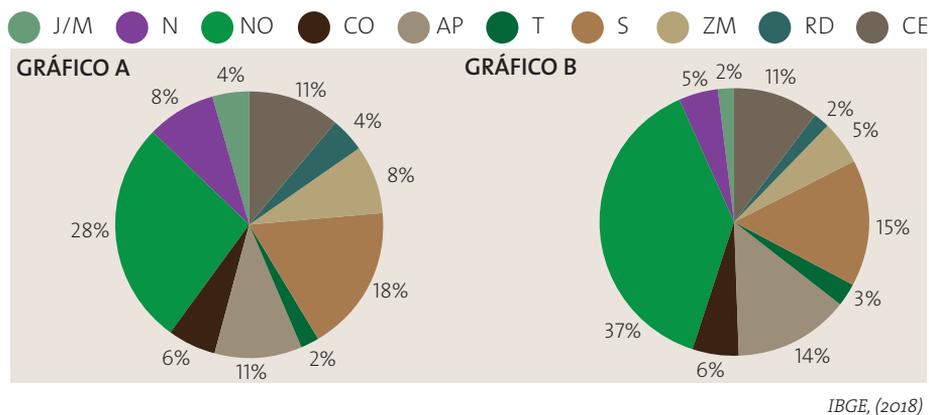


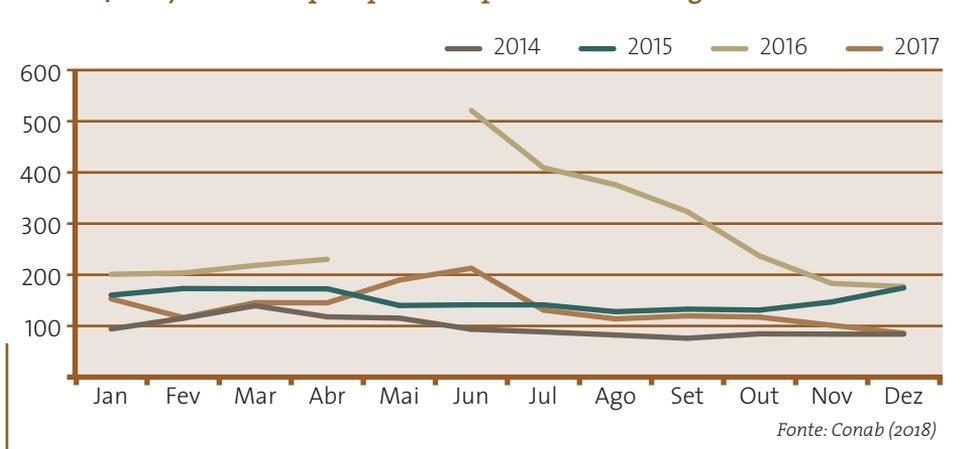
Gráfico 6. Composição percentual da área (A) e da produção (B) de feijão total do estado



8. MERCADO DO FEIJÃO EM MINAS GERAIS

Visto que o feijão é produto básico da alimentação mineira, mantendo, portanto, uma certa estabilidade da demanda, o comportamento dos preços recebidos pelos produtores está intimamente ligado à oferta do produto no mercado. Na safra 2015/16, devido à quebra de safra no Brasil, ocorreu uma drástica redução da oferta de feijão no mercado, especialmente no mês de maio, quando, inclusive, cessaram as comercializações, acarretando uma supervalorização do produto (Gráfico 7), que chegou a ser comercializado no estado pelo preço médio de R\$ 520/ saca de 60 kg, com quedas consecutivas nos meses seguintes, situação que justifica um famoso dito popular: “um produtor de feijão pode hoje dormir pobre e amanhã acordar rico” e vice e versa.

Gráfico 7. Preço recebido pelo produtor pela saca de 60 kg



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SEMENTE E MUDAS. **Anuários**. Disponível em: <<http://www.abrasem.com.br/anuarios/>>. Acesso em: fev. 2018.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos**, Brasília, v. 4, Safra 2016/17, n. 12, décimo segundo levantamento, set. 2017.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos**, Brasília, v. 5, Safra 2017/18, n. 2, segundo levantamento, nov. 2017.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Séries históricas**. 2017. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=2&Pagina_objcmsconteudos=2#A_objcmsconteudos>. Acesso em: 28 fev. 2018.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Sistema de Informações Agropecuária e de Abastecimento – Siagro**. 2017. (Sistema interno da Conab).

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS. **Cultivares de Feijão recomendadas para o Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Epamig, 2011.

FARIA, J.C. Feijão: doenças causadas por vírus. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 11, n. 131, p. 79-82, 1985.

FERREIRA, A.C. de B. et al., **Produção do feijão em Minas Gerais: recomendações técnicas**. Belo Horizonte: Epamig, 2005. 32 p. (Boletim técnico, 74)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Levantamento Sistemático de Produção Agrícola**. 2017. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/9201-levantamento-sistemático-da-produção-agrícola.html>>. Acesso em: ago. 2017.

INSTITUTO MINEIRO DE AGROPECUÁRIA. **Portaria IMA Nº 1.587, de 16 de março de 2016**. Disponível em: <http://www.ima.mg.gov.br/material-curso-cfo-cfoc/doc_download/3087-portaria-no-1587>. Acesso em: Ago. 2017.

MOURA, P. A. M. Aspectos econômicos da cultura do feijão. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 8, n. 90, p. 3-6, 1982.

NASSER, L.C.B.; ANJOS, J.R.N. Constatação de Sclerotinia sclerotiorum atacando o feijoeiro sob condições de irrigação por aspersão na região de São Gotardo - M.G. **Fitopatologia Brasileira**, Brasília, v.10, p.222, 1985. (Resumo)

PAULA JUNIOR, T. J et al. **Cultivares de feijão-comum para Minas Gerais**. Belo Horizonte: Epamig, 2010.

PAULA JÚNIOR, T. J. de; VIEIRA, R. F.; ZAMBOLIM, L. Manejo integrado de doenças do feijoeiro. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 25, n. 223, p. 99-112, 2004.

PAULA JÚNIOR, T. J. Feijão In: PAULA JÚNIOR, T. J.; VENZON, M. **1001 culturas: manual de tecnologia agrícola**. Belo Horizonte, Epamig, 2007. p 331-342.

PERRELLA, N. N. L. D. et al. **Produção de sementes de feijão**. Belo Horizonte: Epamig, 2010. (Circular técnica, 99).

SARTORATO, A. Feijão: doenças causadas por fungos. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.11, n. 131, p. 76-77, 1985.

VIEIRA, C. Assuntos preliminares. In: VIEIRA, C. **Memórias de meio século de estudos sobre a cultura do feijão**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 2004. p. 11-24.

VIEIRA, C. **O feijão em cultivos consorciados**. Viçosa: UFV, 1989. 134 p.

Capítulo 23. Feijão – estado de São Paulo²⁶

1. HISTÓRIA

Parte essencial da dieta dos guerreiros, os feijões tiveram sua cultura disseminada entre os continentes principalmente em virtude das guerras (CORREPAR, 2017).

Na América Latina, evidências arqueológicas indicam que esta planta foi domesticada tanto nos Andes peruanos quanto no México, cerca de 5.000 a 6.000 a.C., segundo estudos da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária (Embrapa) (FANCELLI, 1987).

Em São Paulo, o feijão, juntamente com o arroz, foi provavelmente o mais importante alimento consumido desde o início da colonização. Desde os primórdios, os alimentos básicos – milho, arroz, feijão e carnes – eram produzidos em todas as partes de São Paulo, tanto no litoral como no planalto (LUNA; KLEIN, 2010).

Entre os séculos XVIII e XIX, a capitania paulista era voltada para a exportação da cultura de cana-de-açúcar e abastecimento do sudeste colonial. Cerca de 25% dos produtos paulistas atracados no porto carioca eram alimentos como farinha, feijão e outros (MARCÍLIO, 2000).

Os escravos desempenharam papel fundamental na produção dessa cultura. Segundo estudos de Luna e Klein (2010), em 1836, as localidades de Jundiá, Cunha, Areias, Itu, Capivari, Mogi Mirim, Jacarei e Campinas continham juntas mais de 2.000 agricultores cultivando feijão, dos quais cerca de metade usava mão de obra escrava e controlava 84% da produção.

26 - Marisete Belloli Breviglieri, graduação em Comunicação e pós-graduação em Gestão na Agroindústria; Claudio Lobo Ávila, técnico contábil; Miriane Favaro, engenheira agrícola, pós-graduação em Gerenciamento Ambiental e Gestão Econômica Estratégica; Elias Tadeu de Oliveira, graduação em Administração / Comércio Exterior; Roberto Maia, graduação em Administração; Marcos Rodrigues, tecnólogo de informática. Superintendência Regional da Conab em São Paulo